

Two Poems

MARGARIDA VALE DE GATO

Pátria

a começar com W. H. Auden e a acabar por Adrienne Rich

Do sofrimento pouco nos
enganamos
sobre seus mestres mas se
desvelos
temos e assistência lhes
prestamos
com impotência de deixar devê-los

morrer penso
que espécie esta
ao centro
se é única a marcar combate
para “limpar a honra” (que é?) e
parte
para um duelo como um sacramento

e escolhe padrinhos árbitros
tércios
ternos laços luvas balas
fuzis
e quantos passos alvos de
batalha
e calibrados danos de civis

(a jura da bandeira deferida)
se são armas seu maior
comércio
se é a que mais morre a que
mais mata
por coisas como um marco
de país

tua nativa terra, a tua vida.

Tresleitura

Questo seno darà buon latte alla nostra piccina
Alda Merini

será verdosa com splashes limos anfíbios libélulas
a piscina de amor a haver lá atrás
mau grado a efabulação as perdas
da idade do whisky das desoras da memória
dos melindres do sacrificio do sonho
pelos apetites
ou de terceiros por uma boa ideia
Penso numa boia de líbido no fundo útero
jogo de crianças em duas poças nos testículos
seios que darão bom leite para a nossa piscina
praías a haver na maioria dos atos de conceção
e em todos os atos de folgar certas trilhas da ira línguas
de areia mínimos arquipélagos nós
e esse ser o esteio
quando penso nas filhas
que gostaria de estreitar muito embora o golfo

no farto seio
a ladainha para lhes tocar leve a dor
nem sempre surta
dou por mim pensando que pensam em nós
como nós – no pai daquele amigo, por exemplo
em casa de quem por vezes acampámos
ouvindo vinis e versos e aspirações de louros
dois dedos de azedume mais dois do tal whisky
outros tantos cubos de cântico
medida ao lado a água lisa

para dali sairmos mal
se separavam do céu os gomos do sol
e o rio se despia ainda às escuras

para depois da ressaca vociferarmos livres
julgando-nos contra futuros ilegítimos
e testamentos progenitores
julgando-nos muito lidos e ferozes
e feios por baixo da alegria induzida
do gangue de complexos os tais arquipélagos e só
nos faltava cuspir o fogo
e o golfo
que nossas veias todas engoliam
novamente

e penso em nós quando se vir que temos
Tenho a mesma idade que o meu pai quando
quando houver que encontrar algo a que te agarrares
senão estás tramado
mesmo que seja uma coisa pequena a da piscina
que seja o embaraço de então o gesto encovado no vago trajar
de passar-nos os livros com a dedicatória

*Avisa-me quando achares que começo a parecer-me
sequer um bocado com ele* ou isso ou o papel
que nem deixou a irmã desse amigo quando falhou
o cálculo entre a dor e a dose de neve a queimar
novamente
na lamela de prata
que o pai deles seguiu anos depois ultrapassando a janela
e tanto o acúmulo do amor
no farto seio
como um chapão no vazio

que não sabemos o quê
que espécie
inventou os deuses e lhes deu a morte
novamente

e já o texto vai longe da piscina verdosa
da permacultura
da gozosa cópula

ou velhos que tacteemos
um corte de corrente um choque que nos devolva
à primeira tresleitura
após o aluimento lá atrás a prancha e a pique
olá ainda
de lodo e de leite
aí estás
a amorosa
do farto seio novamente

*

Mas não começámos sequer a encarar
se se escreve para uma nostalgia a morte ou agora

à procura das grandes questões ou assentimentos
enleio empatia desvelos
afins

gostamos ainda de nos dirigir à beleza
a disfarçar o furo o enxofrado bafo
de um *generation gap* cada vez mais golfo
o futuro uma fritadeira
cavamos e cavamos
já nos assam os cabelos
de Sulamite
já a paisagem rutila motores fumam marés levantam
o preço a que repetimos amor
numa linguagem convertível em estatísticas
para tradução automática e o comércio
das perguntas ao google
ainda que lhes gritemos
vamos juntas
será que iremos

novamente
com nossas *piccinas* menores
a fundo
e a voz delas distorcida
como num filme de Spielberg
a pedir o corte — 1.5
de emissões numa década lá atrás
bebés ainda há pouco o primeiro choro
a plenos pulmões e de todas as veias
um golfo de tão indevida
desvantagem no tempo
a haver
e por muito
impressionante então dizer
que fosse o nosso melhor